

MULHERES AGRICULTORAS E A AUTONOMIA PERCEBIDA A PARTIR DAS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS NO SERTÃO BAIANO

Women Farmers and the Perceived Autonomy from the Agroecological Booklets in the Hinterland of Bahia

Mujeres Agricultoras y la Autonomía Percibida a partir de las Libretas Agroecológicas en el Sertão Baiano

José Paulo FAGUNDES – Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9694-9696>

URL: <http://lattes.cnpq.br/3536896308864830>

EMAIL: josepaulo@unipampa.edu.br

Anor Aluizio Menine GUEDES – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5516-289X>

URL: <https://orcid.org/0000-0003-1423-0408>

EMAIL: anor.quedes@acad.ufsm.br

Carine Dalla VALLE – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5516-289X>

URL: <http://lattes.cnpq.br/9757682621904451>

EMAIL: carinedallavalle@gmail.com

Andrea Cristina DÖRR – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0219-7380>

URL: <http://lattes.cnpq.br/1165079585483396>

EMAIL: andreadoerr@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo tem como objetivo traçar o perfil de mulheres agricultoras, entender as especificidades da organização familiar e a comercialização da produção doméstica e sua contribuição para a autonomia destas mulheres. A pesquisa utilizou-se uma abordagem qualitativa, por meio de análise de dados secundários gerados pelas cadernetas de 57 agricultoras do projeto PRÓ-SEMIÁRIDO na Bahia desenvolvidas pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA). Como resultado, constatou-se que quanto maior o acesso da agricultora à renda do seu trabalho, maior a percepção de autonomia e de essencialidade da caderneta agroecológica. Além disso, os resultados apontam para a importância do consumo e da comercialização dos produtos como forma de geração de renda e promoção da autonomia dos agricultores. E por fim, destaca-se a importância das cadernetas agroecológicas como ferramenta para a promoção da autonomia e geração de renda, contribuindo para a melhoria da gestão dos recursos, a promoção do consumo consciente e sustentável, e o aumento da participação das mulheres na agricultura e na tomada de decisões no campo.

Palavras-chave: Cadernetas Agroecológicas; Trabalho doméstico; Mulher agricultora.

<http://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/index>

This is an open access article under the CC BY Creative Commons license

Copyright (c) 2024 Revista Geotemas

Histórico do artigo

Recebido: 28 março, 2024

Aceito: 13 agosto, 2024

Publicado: 30 setembro 2024

ABSTRACT

The article aims to trace the profile of women farmers, understand the specificities of family organization and the marketing of domestic production and its contribution to the autonomy of these women. The research used a qualitative approach, analyzing secondary data generated by the passbooks of 57 women farmers from the PRÓ-SEMIÁRIDO project in Bahia, developed by the International Fund for Agricultural Development (IFAD). As a result, it was found that the greater the farmer's access to income from her work, the greater the perception of autonomy and the essentiality of the agroecological passbook. The results also point to the importance of consuming and marketing products as a way of generating income and promoting farmers' autonomy. And finally, the importance of agroecological passbooks as a tool for promoting autonomy and income generation, contributing to improved resource management, promoting conscious and sustainable consumption, and increasing women's participation in agriculture and decision-making in the countryside.

Keywords: Agroecological Booklets; Housework; Farmer woman.

RESUMEN

El artículo pretende trazar el perfil de las agricultoras, comprender las especificidades de la organización familiar y de la comercialización de la producción doméstica y su contribución a la autonomía de estas mujeres. La investigación utilizó un enfoque cualitativo, analizando datos secundarios generados por las cartillas de 57 agricultoras del proyecto PRÓ-SEMIÁRIDO en Bahía, desarrollado por el Fondo Internacional de Desarrollo Agrícola (FIDA). Los resultados mostraron que cuanto mayor es el acceso de la agricultora a los ingresos procedentes de su trabajo, mayor es la percepción de autonomía y la esencialidad de la libreta agroecológica. Los resultados también señalan la importancia del consumo y la comercialización de productos como forma de generar ingresos y promover la autonomía de los agricultores. Por último, se destaca la importancia de la libreta agroecológica como herramienta para promover la autonomía y la generación de ingresos, contribuyendo a mejorar la gestión de los recursos, promover el consumo consciente y sostenible y aumentar la participación de las mujeres en la agricultura y en la toma de decisiones en el campo.

Palabras clave: Cuadernillos Agroecológicos; Trabajo doméstico; Mujer agricultora.

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos recentes avanços conquistados pelos movimentos de luta e reivindicatórios dos direitos das mulheres, as desigualdades de gênero na sociedade ainda são persistentes. Pelas relações de gênero estabelecidas na sociedade, culturalmente, o trabalho das mulheres tem menor reconhecimento comparativamente ao desempenhado pelos homens.

Agricultura familiar como categoria se baseia nos conceitos de economia familiar de Chayanov (1985) caracterizada pela existência de vínculos orgânicos entre a família e a unidade produtiva que se materializam pela inclusão do capital produtivo no patrimônio

familiar e a articulação de lógicas domésticas e de produção (Hora *et al.*, 2021; Sabourin; Samper; Sottomayor, 2014).

A divisão sexual que designa o trabalho dos homens à esfera produtiva e o das mulheres à esfera reprodutiva, também hierarquiza o trabalho dos homens sobre o das mulheres. Somado a isso, a concepção unitária da economia familiar abstrai o trabalho doméstico (e a produção doméstica) o que geralmente anula ainda mais as atividades desenvolvidas pelas mulheres e suas duplas jornadas (Herrera, 2019; FIDA, 2021).

Almeida (2022), argumenta que há uma invisibilidade sobre o trabalho realizado pelas mulheres, em especial na agricultura familiar, em que os trabalhos produtivo e reprodutivo muitas vezes se confundem. Assim como se confunde o que é a atividade (trabalho) doméstica e o que é a produção doméstica. É o caso, por exemplo, dos quintais, que são considerados espaços de reprodução e de cultivo para o autoconsumo, mas que também geram produtos para a comercialização (FIDA, 2021; Cardoso, 2019).

Em muitos casos, embora as mulheres estejam participando diretamente na produção, a troca e o autoconsumo são dirigidos por elas, entretanto, a comercialização dos produtos da agricultura familiar ainda é feita pelo homem. Isso reitera que, as agricultoras têm, em geral, dificuldades de participar da comercialização, em função de suas atribuições de gênero.

Segundo Cardoso *et al.* (2019, p. 22) “devemos nos atentar para não esquecer dos produtos doados e trocados pelas mulheres. Esses números precisam ser valorizados pois estão muito presentes nas relações de solidariedade e reciprocidade”. São relações fundamentais para entendermos o valor que as mulheres têm na racionalidade economicista do mercado ampliando os olhares sobre os processos produtivos e de consumo. O autoconsumo, por exemplo, é uma fonte de renda não monetária, a qual possibilita que as famílias economizem recursos na aquisição de alimentos nos mercados, fazendo frente a outras necessidades relevantes a sua reprodução social.

Isto posto, é fácil encontrar estudos sobre o papel da mulher no campo (Almeida, 2022; Cardoso, 2019; Jalil *et al.*, 2019; Herrera, 2019; Negretto e Silva, 2018; Lusa e Freitas, 2017), entretanto, o trabalho desenvolvido pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), através das Cadernetas Agroecológicas, usa a estratégia de acompanhar, mensurar e demonstrar de forma empírica a importância do trabalho da mulher agricultora para a propriedade e para a família. A metodologia objetiva colocar luz na produção protagonizada pelas mulheres a partir dos dados das Cadernetas, buscando visibilizar o

protagonismo das mulheres nas relações econômicas; bem como mostrar a importância das mulheres.

Posto isso, este artigo tem como objetivo traçar paralelos entre trabalho doméstico, renda e autonomia de mulheres agricultoras, buscando compreender as especificidades da organização familiar e a comercialização da produção doméstica; e, por fim verificar se o processo de anotações nas cadernetas contribuiu para a autonomia das mulheres agricultoras do projeto PRÓ-SEMIÁRIDO no estado da Bahia.

O programa PRO-SEMIÁRIDO, desenvolvido pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), atua no meio rural de 32 municípios do semiárido da Bahia, localizados na região centro-norte do Estado. Tais municípios fazem parte de cinco territórios de identidade (Bacia do Jacuípe, Piemonte de Diamantina, Piemonte Norte do Itapicuru, Sisal e Sertão do São Francisco) e tem como objetivo promover o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza nas regiões semiáridas do Brasil.

O foco principal do programa é fortalecer a capacidade produtiva das famílias rurais, melhorar a segurança alimentar e nutricional, e aumentar a resiliência das comunidades às mudanças climáticas. Por meio de investimentos em infraestrutura, capacitação técnica e apoio à agricultura familiar, buscando fomentar a inclusão social e econômica, impulsionando a geração de renda e a melhoria das condições de vida das populações vulneráveis dessas áreas.

Apresenta-se nas seções a seguir aspectos teóricos, metodológicos e principais resultados que destacam a relevância do estudo. Este estudo oferece 3 contribuições. A primeira diz respeito a iniciativas solidárias podem representar, para as mulheres agricultoras, uma alternativa de promoção da sua visibilidade na sociedade com a sua inserção nos círculos sociais, políticos e econômicos. A segunda se refere à discussão sobre a realidade cotidiana de desigualdades enfrentadas pelas mulheres agricultoras, a luta por espaço, direitos e igualdade, bem como as articulações para fortalecer as diversas formas de trabalho realizadas por elas e implicadas na construção da sustentabilidade da vida. Por fim, a pesquisa propõe, por meio das cadernetas agroecológicas, uma ferramenta para a promoção da autonomia e visibilidade das mulheres agricultoras sendo percebidas desta forma, como elemento fundamental na produção, comercialização e gerenciamento da produção doméstica.

2 AUTONOMIA DAS MULHERES AGRICULTORAS

A autonomia das mulheres agricultoras é um problema que permanece em voga na sociedade, pois, apesar de inúmeros avanços, ainda resiste a uma imensa desigualdade de gênero historicamente perpetrada no corpo social patriarcal, e que oculta o trabalho das mulheres na unidade de produção (Silva; Benites, 2022).

Nos debates sobre a agricultura familiar e camponesa há várias reflexões que mostram a contribuição das mulheres na produção agroalimentar, na agroecologia e manejo sustentável dos recursos naturais, no associativismo solidário entre outros (Hora *et al.*, 2021; Paulilo, 2016; Butto *et al.*, 2014; Nobre *et al.*, 1998). Diante da busca por autonomia, é importante compreender como e onde as mulheres das cadernetas agroecológicas estão inseridas nos processos produtivos, nos canais de comercialização e no acesso à renda. Percebe-se que parte significativa das atividades realizadas pelas mulheres é nos quintais produtivos, como aponta Lacerda e Leal (2021).

Ser mulher é nascer marcada por uma norma social, mesmo antes de entender ou de desenvolver capacidade crítica, é ter sua existência ligada ao feminino, ao cuidado e ao lar. Ao olhar para a mulher do campo, o trabalho árduo ganha o nome de “ajuda”, e seu reconhecimento de “invisível” (Herrera, 2019, p. 39).

Dessa forma, estudos buscam dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres, reconhecendo o trabalho não remunerado feito por elas. Tudo aquilo que é produzido através dos quintais principalmente para consumo, doação ou troca, embora desconsiderados e não contabilizados, é renda familiar (FIDA, 2021).

Além da inclusão produtiva através dos quintais, o acesso a comercialização é um passo importante nesse processo de reconhecimento de autonomia, pois o acesso a renda permite à agricultora independência na tomada de decisão financeira e, portanto, o reconhecimento da importância do seu trabalho.

Uma das maiores dificuldades no campo, e um entrave à autonomia e ao empoderamento das mulheres, é a invisibilidade do trabalho feminino. Negretto e Silva (2018) destacam que a mulher camponesa é a principal responsável pela produção de alimentos para consumo da família, porém a sua jornada de trabalho é subestimada, pois o seu trabalho agrícola é considerado como uma extensão do trabalho doméstico, ou simplesmente um auxílio.

No entanto, durante a pandemia da Covid-19, por exemplo, foram registrados aumentos significativos nas áreas de plantio de alimentos, sobretudo entre mulheres agroecológicas (Hillenkamp; Lobo, 2021). Mesmo participando do processo produtivo, a mulher não participa do processo de tomada de decisão sobre as atividades da propriedade, tão pouco tem acesso a propriedade (da terra). Neste sentido, Lusa e Freitas (2017, p.8) salientam que “o acesso à terra é poder, e propriedade da terra é poder ainda maior, especialmente se ocorrer em grandes extensões, acumulada nas mãos de um só proprietário, e voltada para apenas um tipo de cultivo”.

As relações patrimoniais são reservadas ao domínio masculino e patriarcal, o que pode ser explicado pois em algumas sociedades a posse da terra era destinada aos filhos homens por herança, não às mulheres. Então, alijadas de poder e subordinadas às decisões dos homens, a mulher agricultora buscou formas de ser reconhecida e demonstrar à sociedade patriarcal a sua importância. Faltava a forma, o método.

2.1 Conhecendo a caderneta agroecológica

A caderneta agroecológica é um instrumento político pedagógico elaborado para que, de forma simples e de fácil compreensão, seja possível mensurar, visibilizar o trabalho das agricultoras e, ainda, contribuir para a promoção da sua autonomia. Também possibilita realizar um levantamento quantitativo e um inventário produtivo do que é de responsabilidade das agricultoras, colaborando para a promoção da sua autonomia e empoderamento (Jalil *et al.*, 2019). Assim, a caderneta contribui para apontar as ações das mulheres na unidade de produção e possibilitar que toda produção oriunda desse trabalho seja mostrada e conectada a essas mulheres agricultoras (Lacerda; Leal, 2021).

De acordo com Telles (2018) e Cardoso (2019), as cadernetas agroecológicas têm por objetivo organizar as informações sobre a produção das mulheres. Na Figura 01 tem-se um exemplo onde são registrados o que foi vendido, trocado, doado, e consumido e tudo o que é cultivado nos quintais produtivos ou espaços de protagonismos (domínio) das mulheres em suas propriedades.

Em suma, a metodologia das cadernetas agroecológicas é uma ferramenta importante para elevar o trabalho das mulheres agricultoras e promover a sua autonomia econômica. Ao permitir a análise das atividades de produção, recepção e renda, essa metodologia pode ajudar a identificar os desafios e oportunidades enfrentados pelos agricultores e contribuir para a elaboração de políticas públicas mais adequadas às suas necessidades. Além disso, as cadernetas agroecológicas podem estimular a troca de experiências entre as agricultoras e o fortalecimento das redes de cooperação e solidariedade entre elas.

Essa metodologia pode ajudar a identificar os desafios e oportunidades enfrentados pelos agricultores e contribuir para a elaboração de políticas públicas mais adequadas às suas necessidades. Além disso, as cadernetas agroecológicas podem estimular a troca de experiências entre as agricultoras e o fortalecimento das redes de cooperação e solidariedade entre elas. Essa metodologia pode ajudar a identificar os desafios e oportunidades enfrentados pelos agricultores e contribuir para a elaboração de políticas públicas mais adequadas às suas necessidades. Além disso, as cadernetas agroecológicas podem estimular a troca de experiências entre as agricultoras e o fortalecimento das redes de cooperação e solidariedade entre elas.

3 METODOLOGIA

Para atender ao objetivo de pesquisa de traçar o perfil de mulheres agricultoras, entender as especificidades da organização familiar e a comercialização da produção doméstica e sua contribuição para a autonomia destas mulheres, foi realizado um estudo quantitativo de cunho descritivo, através de uma *survey*, estratégia que busca descobrir fatos, determinar atitudes e opiniões, e ajudar a entender comportamentos, utilizando-se da avaliação, análise e descrição de uma população baseada em uma amostra (Baker, 2000).

Esse estudo se concentrou em analisar dados secundários a partir de questionários de caracterização socioeconômica aplicados a 57 agricultoras participantes do projeto cadernetas agroecológicas com o objetivo geral de traçar paralelos entre trabalho doméstico, renda e autonomia da mulher agricultora. Especificamente, este artigo pretende traçar o perfil das agricultoras; entender as especificidades da organização e a comercialização da produção doméstica; e, por fim, verificar se o processo de auto reconhecimento trouxe algum benefício ou bem estar a agricultora.

As cadernetas agroecológicas são adotadas em seis projetos¹ em sete estados brasileiros beneficiando 879 agricultoras. No entanto, esse artigo adota um recorte de estudo focado no território do Sertão do São Francisco, que compõem os municípios de Campo Alegre de Lourdes, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Casa Nova, Sobradinho, Juazeiro, Curaçá, Uauá e Canudos (SEI/SEPLAN, 2023), conforme figura 02.

Figura 02 - Território Sertão do São Francisco na Bahia



Fonte: elaborado pelos autores.

O Território Sertão do São Francisco possui 10 municípios, em uma área de 61.765,59 km², com densidade demográfica de 8,06 hab/km², segundo dados do Censo Demográfico (IBGE, 2023), a população do Território totaliza 497.969 habitantes, o que corresponde a 3,55% da população estadual. O norte geográfico do território possui as coordenadas centrais em torno de Juazeiro (-9.4167, -40.5039) fornece uma referência útil para explorar mais detalhadamente essa região (SEESB, 2023).

Localizada no norte baiano, a aproximadamente 566 km de Salvador, a região do Sertão nordestino apresenta, segundo o IBGE (2023), um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil e uma das menores rendas per capita da Bahia. O Território Sertão do São Francisco é uma das regiões do estado da Bahia, composto por vários municípios, e as coordenadas exatas podem variar dentro do território.

¹ Projeto viva semiárido - Piauí; Projeto Paulo Freira - Ceará; PROCASE - Paraíba; projeto Dom Távora - Sergipe; Pró semiárido - Bahia; Projeto Dom Helder - Distrito federal.

As principais características geográficas seguem pelo Rio São Francisco, sendo um dos principais rios do Brasil, atravessa a região, sendo crucial para a agricultura, abastecimento de água e outras atividades econômicas, a região é caracterizada por um clima semiárido, com baixa pluviosidade e temperaturas elevadas, predominando a caatinga, que é uma vegetação adaptada às condições de seca da região (IBGE, 2023).

A atividade econômica predominante na região é a criação de caprinos e a agricultura familiar de sequeiro, ambas extremamente dependentes das chuvas e das políticas governamentais, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Essas características evidenciam a vulnerabilidade econômica e social da região, ressaltando a necessidade de políticas públicas eficazes para o desenvolvimento sustentável e a melhoria das condições de vida das populações locais.

A seleção dos sujeitos da pesquisa foi feita pela equipe técnica do Instituto Flor do Piqui, entre os meses de março e maio 2023, com a participação de uma das autoras na amostra e na coleta de dados. A amostragem foi por conveniência considerando as mulheres agricultoras com bom perfil produtivo ou com potencial para a inclusão produtiva. A seleção por conveniência é uma amostragem não probabilística que permite ao pesquisador fazer uma escolha deliberada de uma amostra mais acessível, colaborativa ou disponível para participar do processo.

Considerando os objetivos do artigo e usando a estratégia de estudo de caso o questionário foi estruturado em três seções, quais sejam: a primeira seção (perfil) focou nas informações sobre a agricultora, no estabelecimento rural, na família ou caracterização do núcleo familiar; a segunda, refere-se às atividades domésticas e produtivas, ao modelo de comercialização e a organização econômica, ao consumo e a percepção de autonomia das agricultoras; a terceira refere-se, ao acesso a renda, a participação e bem estar das agricultoras.

Para analisar e explicar todas as respostas ao questionário usamos o software *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* da IBM. Com o intuito de verificar as combinações entre as respostas (variáveis) utilizamos o coeficiente de correlação de Pearson. O objetivo foi medir o grau de correlação linear entre duas variáveis quantitativas ou características de determinado assunto. Segundo Barbeta (2010) a mensuração pode ser em relação à direção ou intensidade. A intensidade diz respeito ao grau de relacionamento entre duas variáveis. O coeficiente pode assumir um intervalo de valores de +1 a -1, que classifica a sua intensidade.

Quadro 01 – Classificação de intensidade da correlação

Coeficiente de Correlação	Classificação
R < 0,3	Fraca
R < 0,6	Moderada
R < 0,9	Forte
R < 1,0	Muito Forte

Fonte: Adaptado de Barbetta, 2010.

Entretanto, também utilizou-se a comparação entre as variáveis através da tabulação cruzada. As tabelas de tabulação cruzada exibiram o relacionamento entre duas ou mais variáveis categóricas. Conforme Barbetta (2010) o tamanho da tabela é determinado pelo número de valores distintos para cada variável e cada combinação exclusiva de valores. A tabulação cruzada permitiu medir a interação entre perguntas variáveis. Para conhecer uma série de dados ocultos que são muito úteis para entender os resultados de uma investigação de forma mais clara (Bernard, 2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Perfis das agricultoras

Nesta seção, são apresentados os dados que caracterizam o perfil das mulheres agricultoras, com o objetivo de facilitar o entendimento do contexto de análise. A Tabela 01 apresenta a caracterização das agricultoras no que diz respeito a sua idade, situação dos filhos, se reside na propriedade, tempo de trabalho no campo, tempo de trabalho na propriedade.

Tabela 01 – Perfil das agricultoras

Perfil	Média	%
Idade	46	38,6
Filhos	2	82,5
Reside na propriedade	-	93,0
Campo	32,9	47,4
Propriedade	28,0	42,1

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Conforme nos apresenta a Tabela 01, a média de idade das agricultoras é de 46 anos, pouco mais de 38,6% do total da amostra; destas aproximadamente 82,5% têm em média dois filhos. É maioria absoluta a residência na propriedade (93%). O que mais representa o perfil das agricultoras está na comparação do tempo em que a agricultora trabalhava na terra (campo) e o tempo de trabalho na propriedade. A média de tempo de trabalho no campo é de, aproximadamente, 33 anos (47,4% da amostra) e o tempo de trabalho na propriedade representa 28 anos (42,1%). Isso posto, pode-se afirmar que as agricultoras, na média, já trabalhavam, pelo menos, 5 anos no campo antes da propriedade onde residem. E que, de forma absoluta, pode-se afirmar que as agricultoras já trabalhavam no campo antes de mudarem pelas propriedades onde vivem, seja pela união com o companheiro ou pelo casamento.

Outra informação importante para agora e para ser tratada mais adiante é a comparação da idade média das agricultoras (46 anos) com a média do tempo de trabalho no campo (32,9 anos); significa, grosso modo, que a agricultora começou suas atividades (lida no campo), em média, aos 13 anos. E cruzando o tempo de trabalho na propriedade e as idades, percebe-se que muitas agricultoras (73%) se “casaram” próximas aos 14 anos.

Tabela 02 – Situação Civil das agricultoras

	Frequência	Percentual	Perc. Acumulativa
Casada	28	49,1	49,1
Companheiro	22	38,6	87,7
Companheira	2	3,5	91,2
Solteira	3	5,3	96,5
Viúva	1	1,8	98,2
Separada	1	1,8	100
Total	57	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Quanto ao estado civil das agricultoras, 28 se declararam casadas (49,1%), 22 vivem com companheiro (38,6%), 3 são solteiras e 2 vivem com **companheiras (grifo nosso)**. As casadas, que incluem as que vivem com companheiros ou companheiras (93%), residem na propriedade junto com seus cônjuges e as solteiras residem com os pais onde desenvolvem suas atividades anotadas na caderneta.

Quanto à relação da agricultora com a terra, pode-se verificar que 68,4% das propriedades estão em nome dos maridos/companheiros e apenas 7% em nome da agricultora. Outras formas como a parceria (15,8%) ainda assim estão registradas em nome

do cônjuge. Para fechar as informações da estrutura familiar das agricultoras é necessário mapear a relação dos filhos (as) com a propriedade. A maioria (82,5%) das agricultoras têm filhos na propriedade (5,3% não residem mais no campo) e 12,3% não têm filhos. Os filhos maiores de 14 anos representam 40,4% e os menores de 14 anos 42,1%. Dentre esses 82,5%, encontramos 63% de filhas (meninas). O que será considerado em relação às tarefas domésticas na próxima seção.

4.2 Organização produtiva e o modelo de comercialização

A relação da agricultora com a renda e a autonomia para usufruir do resultado do seu trabalho. Quanto à organização das atividades domésticas, (73,68%) responderam que são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico, 100% são responsáveis pela produção doméstica e nenhuma agricultora pesquisada trabalha fora, todas têm suas atividades na propriedade. E, 11% têm os (as) filhos (as) como companheiros (as) nas tarefas domésticas. Quatro delas (7%) contratam trabalho doméstico externo, o que está diretamente relacionado à maior renda na comercialização dos produtos domésticos.

Corroborando com os achados da pesquisa, os autores Hora et al. (2021) afirmam que a abordagem por indivíduos permite reconhecer às mulheres como pessoas com projetos próprios, que devido às desigualdades de gênero na família, na sociedade, nas relações de mercado e com o Estado, tem menos condições de desenvolvê-los

A responsabilidade com o trabalho doméstico e a situação dos filhos apresentam uma forte correlação positiva (0,838). Isso pode ser melhor explicado quando se isola as respondentes que tem filhas mulheres (meninas maiores ou menores de 14 anos). Fica evidente que o trabalho doméstico é compartilhado com as filhas e menos com os meninos. Embora não se possa afirmar que os filhos (meninos) dessas respondentes não executem tarefas domésticas.

Isso se relaciona com pesquisas que apontam ser um aspecto cultural que perpassa gerações, que cristaliza no tecido social a visão de que as atividades domésticas são de responsabilidade feminina (Soares, 2021). Especialmente na esfera das atividades domésticas, essas relações de poder se reproduzem, fazendo com que as mulheres tenham uma participação mais expressiva em atividades domésticas que exigem mais esforço e tempo e são de menor prestígio social. Os homens, por sua vez, se concentram em atividades domésticas que permitem ter o controle monetário (Soares, 2021).

A Tabela 03 apresenta o cruzamento de “Quem cuida da renda” com a “situação civil”. Pode-se identificar uma forte correlação positiva (0,758). As comparações isoladas indicam que agricultoras casadas têm menos autonomia enquanto as que vivem com companheiros ou companheiras têm mais acesso e usos dos recursos financeiros.

Tabela 03 – Tabulação Cruzada: “Situação civil” / “Quem cuida da Renda”

	Quem cuida da Renda		Total
	Outro	Agricultora	
Casada	19	9	28
Companheiro	7	15	22
Companheira	-	2	2
Solteira	-	3	3
Viúva	-	1	1
Separada	-	1	1
Total	26	31	57

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Ainda, cruzando “quem cuida da renda” com “como percebe autonomia” encontrou-se uma correlação positiva (0,689). A correlação entre esses fatores nos possibilita entender que quanto maior o acesso da agricultura à renda do seu trabalho, maior a percepção de autonomia, que se eleva com a capacidade de consumo que esse trabalho proporciona a agricultora e a sua família.

Outra correlação positiva moderada (0,597) é encontrada entre “Quem cuida da renda” e o “Consumo”. Quanto maior o poder de consumo percebido pela agricultora, maior a percepção de autonomia e de essencialidade da caderneta agroecológica. Quando se cruza os fatores renda e autonomia percebida constatamos, conforme a Tabela 04, que as agricultoras com rendas entre R\$500,00 e R\$1.000,00, têm pouca autonomia. A percepção de autonomia ou muita autonomia aparece entre as rendas superiores a R\$1.001,00.

Encontrou-se uma correlação negativa (-0,638), embora moderada, entre a renda e a autonomia percebida, é preciso analisá-la de forma conjunta aos resultados da Tabela 05, que cruza os fatores “destino da produção” e “incentivo da caderneta”. Estes dados explicam porque as menores rendas deixam as agricultoras desmotivadas, em dúvida sobre a importância da caderneta na sua promoção de autonomia. Esse fator está relacionado com o destino dado aos produtos domésticos. A comercialização, por óbvio, tem resultados monetários materiais imediatos, enquanto a troca e o consumo, indiretamente, rendem resultados à unidade familiar pelo fato de deixar de comprar.

Tabela 04 – Tabulação cruzada: “Percebe autonomia” e “Renda percebida”

	Qual a renda mês percebida nas cadernetas						Total
	R	50	1.0	1.5	2.	2.50	
<5	1-	01-	01-	00	1-		
00	1.0	1.5	2.0	1-	3.00		
		00	00	2.	0		
				50			
				0			
Não tem autonomia	2	1	-	1	1	-	5
Pouca autonomia	10	4	2	3	-	1	20
Autonomia	3	4	5	7	2	2	23
Muita autonomia	1	-	4	2	2	-	9
Total	16	9	11	13	5	3	57

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A Tabela 05 demonstra que aquelas que recebem (percebem) incentivos da caderneta agroecológica praticam a comercialização de seus produtos (19), enquanto que, as que trocam ou consomem (17) não têm a mesma percepção.

Tabela 05 – Tabulação Cruzada: Destino do produto e o incentivo da caderneta

	Incentivo da Caderneta		Total
	Sim	Não	
Comercialização	19	9	28
Consumo	7	15	22
Troca	-	2	2
Total	26	31	57

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Ainda, os resultados dos “destinos dos produtos domésticos” com a percepção de “incentivo da caderneta agroecológica”, tabulados na Tabela 05, deixam claro que a maioria (31) das agricultoras não percebem incentivos no método das cadernetas agroecológicas. Embora em menor número, pode-se perceber que a troca e o auto consumo não os destinos

da produção doméstica mais vulneráveis para a conquista da autonomia e renda, pois, em muitos casos não gera recurso financeiros imediatos como a comercialização.

A Tabela 06, quando cruza as informações sobre onde os produtos domésticos são “negociados” (comercializados ou trocados), encontra os produtos mais elaborados como: queijo, doces e sucos, comercializados em feiras ou na própria casa. Os produtos menos elaborados, de confecção mais simples, são comercializados ou trocados na comunidade ou na Igreja.

Tabela 06 – Tabulação cruzada: “produtos domésticos” e comercialização

	Onde é comercializado o produto doméstico						Total
	Ca sa	Fei ras	Com unida de	Ig rej a	As so cia çã o	Por ta a por ta	
Hortaliça	-	1	-	-	-	-	1
Queijo	1	3	-	-	-	-	3
Pães/Bolos	-	3	1	-	1	-	5
Doces	2	6	-	-	-	-	8
Farinhas	-	-	5	4	-	-	9
Sucos/Poupas	2	4	-	-	-	-	6
Artesanatos	-	1	-	1	1	1	4
Bordados	1	2	1	1	-	1	4
Costuras	1	-	2	1	-	1	5
Total	7	20	9	4	2	3	45

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Diante disso, incluindo o espaço doméstico e do quintal que, embora contribuam para a segurança alimentar de famílias estendidas, muitas vezes não são considerados na produção agropecuária, como demonstrado pela investigação em torno às Cadernetas Agroecológicas (Hora *et al.*, 2021; Telles *et al.*, 2018).

4.3 Acesso a renda e o bem estar da agricultora

De acordo com o último Censo Agropecuário (IBGE, 2017), boa parte do território baiano está inserida no semiárido brasileiro, cujas condições climáticas restringem a produção agrícola, com significativa influência nos desdobramentos dos aspectos sociais e econômicos no campo (Pessoti; Pessoti, 2019). Ainda conforme o Censo, os estabelecimentos da Agricultura Familiar (AF) e dirigidos por mulheres representavam, em 2017, 19,7% enquanto os Não Agricultura Familiar (NAF) eram 15,2% (IBGE, 2017).

Entretanto, esse desenvolvimento desigual dificilmente pode ser compreendido em uma análise setorial – ou exclusivamente agrícola, há que se observar a desigualdade inerente a toda economia, na qual a agricultura familiar continua desempenhando o papel histórico de fornecedora de mão de obra barata, se reproduzindo quase independentemente do mercado, inclusive, através do autoconsumo das famílias.

Dessa forma, a análise econômica da família e do trabalho doméstico que fora deixado de lado até então pela economia neoclássica em favor das análises de troca no mercado, ganha centralidade (Hora *et al.*, 2021). O perfil revela que a maioria das agricultoras é responsável pelo trato com o dinheiro da propriedade, isto é, das atividades econômicas, inclusive as desenvolvidas por elas. Embora tenham maior autonomia para gerenciar os recursos que ficam sob sua responsabilidade, de modo geral, as agricultoras acabam investindo os recursos na compra de bens de primeira necessidade para a família (Telles, 2018).

Tabela 07 – Usos da renda

Gastos com:	Qual a renda mês percebida nas cadernetas						Total
	R 50	1.0	1.5	2.	2.50		
	< 1-	01-	01-	00	1-		
	5 1.0	1.5	2.0	1-	3.00		
	0 00	00	00	2.	0		
	0			50			
				0			
Gastos com a casa	1	2	2	2	-	-	7
Gastos com os filhos	2	4	3	5	-	-	14
Gastos com bens*	-	-	-	3	3	5	11

Gastos com laser	-	1	1	3	2	-	7
Gastos pessoas**	-	1	3	5	5	4	18
Totais	3	8	9	13	10	9we	57

*Produtos da linha branca: refrigeradores, máquina lavar, fogão e etc.;

**Gastos com a agricultora: estética, roupas, cosméticos, higiene da mulher e etc.;

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Filipak (2019) qualifica o uso das cadernetas pelas agricultoras como uma ferramenta facilitadora da visualização de sua contribuição econômica, tanto para a família quanto para si mesmas em termos de autoconhecimento e autonomia. A caderneta pode ser uma importante ferramenta de mudança de percepção da própria agricultora, possibilitando que seja também, protagonista da renda familiar. As próprias mulheres revelam a importância desse processo desencadeado com a rotina de anotação na caderneta para sua vida, seu crescimento e autonomia pessoal e coletiva, sua autoconsciência como mulher e agricultora agroecológica, seu valor e dignidade (FIDA, 2020).

Além disso, as anotações comprovam o trabalho da mulher e seu reconhecimento como agricultoras, ampliando seu acesso às políticas públicas, o que fortalece sua autonomia (De Lacerda; Leal, 2021). A Caderneta se reafirma como um instrumento fundamental para visibilizar e reconhecer a importância do trabalho das mulheres (Rody; Telles, 2021). Como foi visto, a caderneta agroecológica também possibilita realizar um levantamento quantitativo e um inventário produtivo do que é de responsabilidade das agricultoras, colaborando para a promoção da sua autonomia e empoderamento (Jalil *et al.*, 2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os desafios impostos às mulheres no decorrer da história, e muitas ainda são as questões a serem resolvidas para alcançar a igualdade de direitos entre homens e mulheres. No entanto, há que se considerar os avanços em algumas frentes relacionadas a esta temática obtidos nos últimos séculos.

Uma análise realizada sobre a autonomia da mulher agricultora e o uso das cadernetas agroecológicas apresentou resultados importantes para a compreensão da relação entre gênero, trabalho e renda no campo. Verificou-se que o trabalho doméstico ainda é majoritariamente realizado pelas mulheres, em uma cultura que perpetua a ideia de

que essas atividades são de responsabilidade feminina. Isso contribui para a menor participação das mulheres em atividades que incentivaram mais força e tempo e são de menor prestígio social, como é o caso da agricultura.

Por outro lado, constatou-se que quanto maior o acesso da agricultora à renda do seu trabalho, maior a percepção de autonomia e de essencialidade da caderneta agroecológica. Além disso, os resultados apontam para a importância do consumo e da comercialização dos produtos como forma de geração de renda e promoção da autonomia dos agricultores.

É importante ressaltar que os resultados também indicam que os agricultores com rendas entre R\$ 500,00 e R\$ 1.000,00 têm pouca autonomia, o que pode estar relacionado com a falta de incentivos para o uso das cadernetas agroecológicas e o destino dado aos produtos domésticos. Nesse sentido, é fundamental que as políticas públicas e programas de incentivo considerem as particularidades e necessidades dos agricultores, visando garantir maior autonomia e acesso aos recursos financeiros e tecnológicos.

Por fim, destaca-se a importância das cadernetas agroecológicas como ferramenta para a promoção da autonomia e geração de renda dos agricultores. Através da organização e registro das atividades e produção, essas cadernetas podem contribuir para a melhoria da gestão dos recursos, a promoção do consumo consciente e sustentável, e o aumento da participação das mulheres na agricultura e na tomada de decisões no campo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. S. As mulheres e o capital: notas sobre a exploração do trabalho feminino na produção e reprodução do capitalismo. **Germinal: Marxismo E educação Em Debate**, 14(2), 228–244. <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i2.48093>. 2022.

BAKER, M. J. Selecionando uma Metodologia de Pesquisa. **The Marketing Review**, 1(3), 373-397.2000.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 7 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

BERNARD, G. P. **Correlação entre os casos de COVID-19 e a incidência de queimaduras por álcool no Brasil**. 2022. 126 p. Monografia (Graduação em Medicina) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2022.

BRANDÃO, J. B., SCHNEIDER, S., ZEN, H. D., & DA SILVA, G. P. Os mercados de hortifrúti em Santa Maria (RS)-um estudo sobre os tipos de produtores e os canais de comercialização. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, 25(2), 433-460, 2020.

BUTTO, A., DANTAS, C., HORA, K., NOBRE, M., & FARIA, N. (Eds.). **Mulheres Rurais e Autonomia: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos territórios da cidadania.** Brasília, MDA, 2014.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1985.

CARDOSO, E.; JALIL, L.; ALVARENGA C.; WEITZMAN, R. **Guia metodológico da caderneta agroecológica.** Recife: FIDA, 2019, 38 p.

DE LACERDA, T. R.; LEAL, I. O. J. Feminismo e agroecologia em prática: contribuições das cadernetas agroecológicas para o empoderamento das mulheres agricultoras. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.

FILIPAK, A. Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista no IFSP/Matão. **Revista Cogitare**, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2019.

FUNDO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA. **Cadernetas agroecológicas e as mulheres do semiárido de mãos dadas fortalecendo a agroecologia: resultados do uso das cadernetas nos projetos apoiados pelo FIDA no Brasil de agosto de 2019 a fevereiro de 2020.** – [Salvador]: Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), p. 232, 2021.

HORA, K.; NOBRE, M.; BUTTO, A. **As mulheres no censo agropecuário 2017.** Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA): Friedrich Ebert Stiftung, 2021.

HERRERA, K. M. **A jornada interminável: a experiência no trabalho reprodutivo no cotidiano das mulheres rurais.** (2019). Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Recuperado 11 janeiro de 2023
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204552> .

HILLENKAMP, I., LOBO, N. **Resiliência de agricultoras agroecológicas organizadas em rede: a experiência da RAMA face à pandemia da Covid-19. Um meio tempo preparando outro tempo: cuidados, produção de alimentos e organização de mulheres agroecológicas na pandemia.** São Paulo: Sof Sempre Viva Organização Feminista, 22-48, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017: resultados definitivos.** Rio de Janeiro: IBGE/SIDRA, 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 05 jul. 2024.

JALIL, L.; SILVA, L.; OLIVEIRA, J. Caderneta Agroecológica: A Contribuição Das Mulheres Para A Soberania E Segurança Alimentar E Conservação Da Agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**. A. 8, V. 2, n. 15; Jul. Dez., 2019.

JALIL, L. **Experiência do projeto/processo ater, feminismo e agroecologia na construção do conhecimento: caminhos epistêmicos e saberes políticos coletivos.** In: Rede feminismo e agroecologia do Nordeste / Org: Laeticia Medeiros Jalil, Gema Galgani

Silveira Leite Esmeraldo, Maria do Socorro de Lima Oliveira. –1. Ed. - Recife: Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, 2017, p. 23-38.

LUSA, M. G.; FREITAS, R. C. M. Mulheres camponesas e lutas sociais: Entre as expressões da questão social no campo e a produção da vida. In: **Anais...** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. 2017.

MACHADO, L. de S.; GARCIA, E. L.; PETRY, A. R. O florescimento de novas margaridas: agroecologia, educação e saúde. **Debate Feminista**, 32, 64: e2304, 2022.
<https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2022.64.2304>.

NEGRETTO, C.; SILVA, M. A. Problematizando o trabalho invisível das mulheres e a divisão sexual de trabalho no campo: uma parceria entre educação popular e feminismo. **Rev. Bras. Educ. Campo**, Tocantinópolis, v. 3, n. 4, set./dez., p. 1184-1201, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2018v3n4p1184>.

NOBRE, M.; SILIPRANDI, E.; QUINTELA, S.; MENASCHE, R. **Gênero e agricultura familiar**. São Paulo: SOF, 1998.

PAULILO, M. I. S. Que feminismo é esse que nasce na horta? **Política & Sociedade**, v. 15, p. 296–316-296–316, 2016.

PESSOTI, F. C. C. L; PESSOTI, G. C. Panorama econômico da Bahia no século XXI. **BNB Conjuntura Econômica**. Fortaleza, p. 385-408, 2019. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/80223/6034753/2019_CJES_24.pdf/648d12c9-650c-4cf0-efb-d13f21da463d. Acesso em: 05 jul. 2024.

RODY, T.; TELLES, L. **Caderneta agroecológica: o saber e o fazer das mulheres do campo, das florestas e das águas**. 2021.

SABOURIN, E.; SAMPER, M. **Políticas públicas y agriculturas familiares en América Latina y el Caribe Balance, desafíos y perspectivas**. Santiago do Chile: CEPAL, CIRAD, 2014.

SCALABRIN, A. C.; MOURA, A. do S. F. de (in memorian); CRUZ, B. da L.; SANTOS, J. F. dos; COSTA, M. das G. de F.; SANTANA, M. dos S. Caderneta Agroecológica: Uma perspectiva feminista sobre a economia das agricultoras de Barra do Turvo, SP. **Cadernos de Agroecologia** - ISSN 2236-7934 In: **Anais...** Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia, 3 – V. 15, N. 3, 2020.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. **Mapa emitido pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. Disponível

em: https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2648&Itemid=669&lang=pt. Acesso em: 17 jul. 2024.

SILVA, L. X.; BENITES, M. E. R. Autonomia Feminina No Campo: Um Perfil Atualizado Da Região Sul A Partir Dos Dados Do Censo Agropecuário 2017. **Desenvolvimento Regional em Debate** (ISSNe 2237-9029), v. 12, ed. esp. (Dossiê), p. 141-164, 2022.

SOARES, C. **A importância das informações de uso do tempo para os estudos de gênero no Brasil:** algumas considerações sobre as pesquisas domiciliares oficiais. Melo, H. P. de (org.); M., L., L. de (org.). A arte de tecer o tempo: Perspectivas feministas / Organizadoras: Hildete Pereira de Melo e Lorena Lima de Moraes; Prefácio de Lourdes Maria Bandeira – 1. ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

TELLES, L., JALIL, L., CARDOSO, E., RAFAELA, C., ZULUAGA, G., CATAFORA, G., & SILIPRANDI, E. Cadernetas agroecológicas e a contribuição econômica das agricultoras agroecológicas no Brasil. In: Zuluaga Sánchez, G.; Catafora-Vargas, G. & Siliprandi, E. (coord.). **Agroecología en femenino:** Reflexiones a partir de nuestras experiencias. La Paz: SOCLA/CLACSO, pp. 141-157, 2018.

TELLES, L. **Desvelando a economia invisível das agricultoras agroecológicas:** a experiência das mulheres de Barra do Turvo, SP. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018.

TELLES, L.; ALVARENGA, C.; CASTRO N. L. Caderneta Agroecológica: Uma perspectiva feminista sobre a economia das agricultoras de Barra do Turvo, SP. **Cadernos de Agroecologia** - Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do Congresso Brasileiro de Agroecologia, 11, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, n. 2, 2020.
